



## ARTE HOMOERÓTICA: REAFIRMAÇÃO DA LIBERDADE SEXUAL NAS MÍDIAS SOCIAIS

Palavras-Chave: ARTES VISUAIS, HOMOEROTISMO, REDES SOCIAIS

Autores(as):

Luís Guilherme Teodóro Neves, IA - Unicamp

Prof. Dr. Antônio Gabriel Gonçalves Ewbank (Orientador), IA - Unicamp

### Introdução:

As representações visuais de corpos que fogem à lógica sócio-cultural heteronormativa carregam, por si só, a importância de reconhecer vivências díspares como forma de compreender a subjetividade da existência humana. Tais manifestações artísticas, especificamente de práticas homoeróticas, remontam à Antiguidade Grega, a exemplo das pinturas em vasos que retratavam as relações de pederastia, datadas do séc. V a.C. (HUBBARD, 2003), entre outros exemplos. Com os estudos contemporâneos sobre, gênero, sexualidades e teoria *queer*, surgem novos olhares e discussões a respeito dessas produções, com novas perspectivas de contextualização que, dialogam com trabalhos e artistas atuais, subvertendo conceitos naturalizados e assimilados pela cultura hegemônica ocidental, emergindo questionamentos que valorizam e reconhecem outros modelos de relações.

Nos concentrando nas referências homoeróticas a partir do séc. XX, período que marca a história dos movimentos pela descriminalização da homossexualidade, e as formas com que a comunidade LGBTQIAPN+ lidou com as mídias a fim de se representar afirmativamente para a sociedade, temos artistas como Tom of Finland, como uma das principais referências de uma atuação em mídias de massa. Com seus desenhos homoeróticos amplamente difundidos, que começam a ser publicados na revista *“Physique Pictorial”*, que se vendia como focada em abordar a saúde masculina durante os anos 1950, mas que apresentava, com os trabalhos de Tom, figuras hiper sexualizadas, com elementos como botas e roupas de couro, pênis marcado sob as calças e grandes músculos, criava-se um imaginário que alimentava o desejo de muitos homens. Se hoje essas imagens de “homens viris” pode ser questionada como representativa (ou não) de homens homossexuais, naquele momento este tipo de conteúdo servia para aliviar as repressões sexuais que, pessoas que aqui convém categorizar como gays, sofriam em meio ao machismo, que era ainda mais determinante, quando não cruel, e achar formas de liberar seus desejos de maneira discreta, neste caso a masturbação a partir do imaginário criado pelo artista, como autocontrole do que socialmente seria inadmissível, eram uma alternativa.

Outra importante manifestação midiática destinada a comunidade gay, que desempenhou um papel relevante na maneira com que os homossexuais eram apresentados à sociedade, principalmente com o direito de serem vistos e expressar sua sexualidade, manifestando seus desejos, foi a revista G Magazine, esta no contexto brasileiro de 1997 (e que retorna em formato digital em 2025), trazia homens famosos e novas celebridades de diferentes segmentos, em suas capas provocantes e ensaios fotográficos explícitos, com sucesso de público, vendia mensalmente mais da metade, que sua paralela heterossexual, a revista PlayBoy, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC).

Estes exemplos demonstram que, além de conteúdos midiáticos artísticos voltados à comunidade gay acabarem influenciando na cultura, ao abordar explicitamente as nuances das sexualidades masculinas, como tais manifestações também são formas subversivas de utilizar os meios disponíveis para burlar limitações de imposições sociais veladas a fim de expressar uma parte definitiva da construção destas identidades. Hoje avançamos sutilmente sobre os direitos da comunidade LGBTQIAPN+, mas com conquistas tão recentes, e que em muitos países ainda nem estas se fazem presentes, não deve haver uma ilusão de segurança, necessitando então constante ação política-social para manutenção do que foi adquirido. E não há outro lugar, onde se confundam tanto as manifestações midiáticas, que aqui incluímos os trabalhos artísticos, com política e opinião pública, se não o espaço virtual das redes sociais, atualmente principal território de disputa de discursos, este que pode criar ou derrubar grupos inteiros, mas é também nele que se apresentam artistas que utilizam também do meio da obscenidade, do homoerotismo, para se reafirmarem e com eles toda comunidade gay, ao subversivamente

compartilhem seus trabalhos em plataformas digitais controladas pelas mesmas ideologias que buscam censurar suas existências, se fazendo presentes e expostos.

### **Metodologia:**

O projeto previa inicialmente a realização de entrevistas com artistas selecionados que utilizam a temática homoerótica em seus trabalhos, com objetivo de compreender os interesses destes e os efeitos de suas abordagens poéticas nas redes sociais, considerando que tais informações poderiam contribuir à análise de suas produções. Mas durante o decorrer das primeiras reflexões a respeito destes elementos, viu-se que as informações mais pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa poderiam ser adquiridas por meio da observação das movimentações e discursos dos artistas em seus perfis na plataforma Instagram, escolhida como principal fonte por sua abrangência, popularidade e ter uma proposta de reprodução majoritariamente de imagens e vídeos, e que possibilita contato com grande público com certa facilidade. Sendo assim, a pesquisa se restringirá a análise dos materiais visuais e textuais disponíveis nessa plataforma, nos perfis dos artistas, sem realização de entrevistas.

O interesse desta investigação se iniciou a partir do contato com a temática em mesas de conversas acadêmicas, com trabalhos de artistas e trabalhos teóricos como a tese de mestrado de Adair Marques Filho, “Arte e Cotidiano: experiência homossexual, teoria queer e educação”, e um ensaio que faz parte da tese de doutorado de Wilton Garcia, intitulado “Arte Homoerótica no Brasil: Estudos Contemporâneos”, que nortearam o início desta discussão, sendo utilizados para aprofundar a compreensão a respeito do vocabulário conceitual e do atual estado do debate, uma vez que se trata de um tema dinâmico e complexo. A homocultura, presente no espaço contemporâneo digital se configura um campo de estudos vasto, interessante e efêmero, em constante transformação, por isso faz-se necessário o recorte que, nesta pesquisa foram considerados apenas produções artísticas que retratam relações sexuais entre homens ou vivências de gênero atravessadas pelo masculino, embora reconhecendo que os termos relacionados à homossexualidade e homoerotismo, também possam se referir à relações entre mulheres lésbicas; e caberia uma pesquisa específica desta natureza para cada uma das manifestações das sexualidades.

O trabalho de Garcia, de 2012, possui uma abordagem de apresentação de obras de artistas já consolidados no sistema formal das artes e sua análise, que será utilizada como referência em diálogo constante, e o contraponto principal está na escolha dos artistas, que nesta considerou na seleção a relevância dada para as redes sociais na divulgação dos trabalhos destes aqui selecionados, já que estruturas muito estabelecidas podem por vezes, negligenciar a dinamicidade da circulação de produções artísticas de novos nomes, estes que utilizam os meios digitais como forma de validação, reconhecimento e divulgação de sua arte.

A proposta envolve então uma pesquisa exploratória de caráter teórico e prático, analisando os trabalhos dos artistas, a forma de suas abordagens poéticas e a relação com a comunidade LGBTQIAPN+, além das apresentações nas redes sociais, e a relação destes conteúdos com a plataforma e com o público. A pesquisa conta com parte prática de produção de desenhos, que foram realizados com influência dos trabalhos selecionados, mas desenvolvendo uma lógica e poética autoral, que funcionou como uma espécie de laboratório pelo artista-pesquisador considerando estes atravessamentos. Esta parte se faz necessária pelo caráter da arte de envolver simultaneamente o sensível e racional, e compreender como a abordagem da temática homoerótica afeta a relação do artista com o público e o ambiente digital, demandando imersão, com o processo de postagem e observação das reverberações sendo devidamente documentada e encarada como parte das discussões para culminar nos resultados da pesquisa.

### **Discussão:**

Ao analisar superficialmente a abordagem das temáticas eróticas, não é incomum incurtirmos em uma linha de pensamento moralista que considera o sexo como uma questão resolvida e naturalizada. Tal visão, fruto de uma tecnologia intrincada de normatização social, que podemos nomear de ideologia heteronormativa, a qual sugere que artistas que tratam de assuntos relacionados às sexualidades em suas produções são considerados como degenerados, merecedores de estranhamento e marginalização. Mas se considerarmos o sexo também como uma tecnologia social, que possibilita intervenção e atuação direta, que forma e modula as relações de maneira política, podemos compreender que na verdade este campo é de disputa de narrativas, em especial para comunidades homossexuais, já destoantes em relação a heteronormatividade. Quando perspectivas e realidades

transgressoras se expressam socialmente, os grupos sociais alinhados a tais normativas se veem imbuídos da obrigação de censurar, a fim de sustentar e manter o sistema, para preservar os interesses políticos dos que são beneficiados por ele, mesmo que de maneira inconsciente. De acordo com Daniel Lang no artigo “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia”:

Nós estamos claramente em presença de um modelo político de gestão de corpos e desejos. E os homens que querem viver sexualidades não heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, acusados de serem “passivos” (...). Pois se trata bem disto, ser homem corresponde ao fato de ser ativo. (LANG; 2/2001, p. 468)

Mas o sistema de produção cultural é uma potência de resignificação de relações e afetos, e possibilita novos imaginários que resultam em mudanças sociais, incluindo tais formas de ser e existir na sociedade. A importância do retrato de minorias sociais e políticas por elas mesmas, nas mídias culturais em diferentes níveis, se faz necessário para evitar que visões estereotipadas a respeito de grupos já marginalizados sejam perpetuadas.

Os trabalhos artísticos que representam dinâmicas sexuais da comunidade LGBTQIAPN+ têm embutidos em sua própria existência a característica de questionar as estruturas opressoras, além de apresentarem uma parte fundamental e definitiva das vivências dessas parcelas da sociedade. O sexo como parte da realidade particular, mas com dimensões sociais e políticas, se mostra como um campo necessariamente de discussão, e sua representação como parte de uma criação artística que contemple integralmente a vida humana, o que destaca, por exemplo, o autor Calos Gerbase, ao tratar das produções audiovisuais sobre o tema:

Os grandes desafios da representação do sexo num cinema esteticamente libertário são, ao mesmo tempo, manter a verossimilhança – e, portanto, considerar todo o contexto social repressivo que envolve os personagens –, afastar-se das estratégias da maioria da indústria – que fornece satisfação erótica virtual, mas sempre seguida de uma grave punição – e propor o sexo como um tema fundamental para a compreensão global da vida humana, a ser tratado livremente e com a complexidade que merece, sem simplificações moralistas, nem interdições dogmáticas (Gerbase, 2006, p. 45).

A compreensão da expressão de muitos artistas que trabalham com esta temática hoje é mediada pela experiência com público das mídias sociais. Essa interação acaba por salientar certa dinamicidade, bem como evidencia as estruturas sociais heteronormativas de regulação da sociedade, sendo um desafio tentar difundir estes trabalhos mesmo nos espaços virtuais. A análise deve então considerar não só os conteúdos presentes nas obras e suas simbologias, mas também estruturas sociais e os regimentos destas redes, os agentes responsáveis, além das reverberações que seus trabalhos promovem.

A plataforma Instagram é o principal espaço (virtual) onde a pesquisa se desenvolve. As mudanças recentes nas diretrizes de regulação de conteúdo da empresa Meta (Meta Platforms, Inc.), um conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social, responsável pelo Instagram, Facebook e WhatsApp, reforçou a importância e pertinência da pesquisa, que tem como objeto o caráter político da produção de arte homoerótica em diferentes dimensões sociais: na vida particular, em nichos das comunidades que se fazem presentes nesse espaço ou na estruturação da sociedade, no combate à homofobia e a favor da reafirmação da liberdade sexual, especialmente de pessoas LGBTQIAPN+.

Com as novas políticas da Meta, alinhadas aos discursos da extrema direita nos Estados Unidos, o desenvolvimento e a difusão de trabalhos artísticos com temáticas eróticas (LGBTQIAPN+) e também qualquer outro tipo de postagem que envolva esses assuntos ou outros de cunho político, que possam ser considerados contrários a valores religiosos ou de “esquerda”, estão sendo cada vez mais derrubados pela plataforma. Isso demonstra o quanto a natureza desses trabalhos está ligada às lutas pelos direitos políticos conquistados por minorias sociais, que sempre foram tratadas como inimigos pela extrema direita e seus valores moralistas em diferentes países, ainda mais com sua ascensão nos últimos anos, tendo como representantes desses valores as big techs; neste caso, Mark Zuckerberg, o CEO da empresa.

Permitir que o sexo seja censurado normaliza o próprio ato de censurar e imputa às minorias marginalizadas a origem dos problemas sociais. Não demora então para o maquinário da heteronormatividade, que está sempre à espreita, entrar em ação, a ofuscar e regredir com a visibilidade e direitos dessas comunidades. A reportagem feita pelo canal de notícias CNN, dois dias depois das mudanças das diretrizes da Meta, mostra essa engrenagem em funcionamento:

Uma das principais mudanças é que, a partir de agora, os usuários não têm mais impedimentos de realizar postagens que associem, por exemplo, doença mental à orientação sexual. (...) O novo texto, disponível na página de políticas de transparência da Meta, aponta que não é mais proibido realizar “alegações de doença mental ou anormalidade quando baseadas em gênero ou orientação sexual, considerando discursos políticos e religiosos sobre transgênero e homossexualidade” (Pinotti, 2025).

Assim vemos como se faz a articulação coordenada dos opressores ao censurar, mais ou menos descaradamente, a fim de se alinhar com preceitos que protejam seus ideais.

Tendo este contexto como base, a escolha dos artistas que irão compor o campo de amostragem da pesquisa priorizou artistas que tenham grande atuação nesta mídia social para verificação da relação de seus trabalhos com a própria plataforma, em que se utilizam da temática homoerótica em materialidades bidimensionais em composições mais ou menos explícitas de acordo com a elaboração poética de cada um deles. Tratando diretamente da análise feita tanto de sua poética quanto da contextualização do assunto e do meio em que elas se apresentam, trago como exemplo o trabalho de Daniel Jaen (@DanielJaenArt no Instagram), em que se traçam linhas decisivas para as discussões principais da pesquisa. A obra selecionada apresenta de forma visual uma disputa a respeito da concepção do que é explícito ou não, ao abordar uma prática sexual realizada por uma parte da comunidade gay conhecida como “banheirão”. Na obra, uma pintura a óleo postada no Instagram, o ato sexual não é mostrado em sua totalidade. Ela brinca com o fetiche conhecido como *vouyer*, em que o espectador entende e presencia o ato, apenas observando de maneira externa. Ao mostrar quatro pernas e pés em posições que indicam a prática de sexo oral, vistos por debaixo dos vãos de cabine de banheiros públicos, o artista transporta para a cena mesmo quem nunca presenciou a prática. O que move os adeptos a realizar tal prática, muitas vezes, é a sensação de euforia envolvida em estar transando em locais com muita circulação de pessoas. Mas esta também tem raízes na marginalização, onde num passado recente as relações homossexuais ficavam restritas a uma casualidade sigilosa, que apesar de acontecer e ser visível, também devia ser encoberta. Dentro do contexto da plataforma, as obras de Daniel foram censuradas em muitos momentos, e esta, por talvez não demonstrar explicitamente órgãos genitais, não foi uma delas. Já uma outra publicação mais recente, que apresentava apenas dois homens se abraçando, teve tentativa de banimento, e foi restaurada a grade do perfil após provável pedido de recurso do artista. Este exemplo nos faz refletir o quanto as diretrizes da Meta são arbitrárias e vagas ao lidar com trabalhos artísticos dessa natureza.

Nem todos os artistas que utilizam desta abordagem poética são sempre prejudicados, existem casos como o de Adri A. (@rextod no Instagram), artista que usa da ilustração digital para dar forma a personagens como “Diabão”, cheios de relações com fetichismo e suas diferentes apresentações, retratando um imaginário em que as relações homossexuais tem um foco explícito e nem sempre romântico. Este espaço virtual foi crucial para que ele expandisse os horizontes de abrangência de seus trabalhos, contando hoje com mais de quatorze mil seguidores na plataforma, o que possibilitou a realização de projetos, como livros ilustrados destas personagens, com patrocínio de seu próprio público, que se envolveu em financiamentos no formato de “vaquinhas online” para a viabilização dessas produções. Adri também participa de feiras como a Poc Con, uma feira LGBTQIPN+ de quadrinhos e artes gráficas do Brasil, e encontrou então seu espaço em um nicho, muito influenciado pela sua relação com o público das redes sociais. Mas nem tudo é positivo, o custo para a atuação do artista na plataforma é o de perder algumas publicações derrubadas, poucas levando em consideração a habilidade do artista de uma grande produção, além de algumas precisarem de uma auto censura do artista, para evitar a retirada de seus conteúdos.

Já na produção de desenhos, pelo artista-pesquisador, da parte prática, encontraram-se dificuldades nos meses iniciais, visto que as alterações, tanto na metodologia quanto nas diretrizes da plataforma, demandaram um acompanhamento e reflexões. Ainda assim a produção teve início com um primeiro desenho com a temática homoerótica que, para entrar em consonância com a proposta da pesquisa, foi postado no Instagram, no perfil do artista-pesquisador. Esta obra, postada em outubro de 2024, mostrava um ânus de forma explícita e foi rapidamente censurada e derrubada pela plataforma em questão de minutos. Este desenho foi excluído com o parecer de não corresponder ao regulamento, mesmo com a postagem tendo sido feita antes das mudanças nas políticas da empresa responsável pela plataforma, as quais previam que trabalhos artísticos com conteúdo de nudez poderiam sim ser postados. Após este ocorrido optou-se então por desconsiderar este trabalho e produzir novos, enquanto uma série, que representa em cada um dos desenhos práticas sexuais diferenciadas. Tendo influência dos trabalhos analisados como referências visuais, tomou-se também o trabalho de Hudinilson Jr. nomeado “Pinto não pode” como referência crucial de arte erótica que se utiliza de novas tecnologias como meio para posicionamento político, onde os desenhos teriam o mesmo cunho, ao questionar em suas legendas nas postagens quais dessas práticas não podem circular na plataforma. Os resultados até então foram variados, com alguns desenhos sendo derrubados e outros permanecendo, assim como os dos artistas observados.

## Conclusão:

Durante a observação das publicações dos trabalhos dos artistas, podemos constatar que a insistência em se fazer presente na rede social representa um posicionamento determinado dos artistas. Essas ações são tratadas de modo impessoal pela plataforma, que atualmente remove as publicações de maneira fugaz, e até mesmo caçando e retirando as publicações mais antigas em alguns casos. Na prática, não há como saber se será derrubado, e os critérios específicos para a retirada são arbitrários, na dúvida não poste conteúdo sexual para evitar ser sinalizado e, se caso não concordar com a ação, tente convencer a plataforma que seu conteúdo pode ser readmitido. Isso demonstra um mecanismo de regulação de comportamentos, que afeta diretamente a liberdade dos artistas. Uma das partes das diretrizes cita com clareza para que “não publique conteúdo exibindo órgãos genitais ou com foco nas nádegas totalmente expostas”, e também adverte que “Nós não permitimos imagens e imagens digitais de nudez adulta, se retratarem: Genitália visível (incluindo quando ofuscada por pelos pubianos) (...). Ânus visíveis e/ou imagens aproximadas de nádegas totalmente descobertas (...)”, mesmo com muitos outros conteúdos permanecendo na plataforma contendo estes elementos.

Essa descrição, quando direcionada à parte da sociedade que considera a região anal como integralmente sexual, produz uma espécie de ímpeto contra a repressão muito característico, relacionado à censura, com potencial de transformação, e que já foi apontado por Paul Preciado em seu *Manifesto Contrassexual* (2022, p. 43): “Os trabalhadores do ânus são os novos proletários de uma possível revolução contrassexual. (...) Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda.”, para o autor, tal revolução representaria uma superação das epistemologias e organizações sociais hetero-centradas.

As privações da liberdade sexual acabam por parecer menos duras quando o discurso se vale da alegação de que o sexo deve ser íntimo e particular, e por isso não deve ter espaço nas discussões. Mas se tratando das construções das identidades homossexuais, a relação com a sexualidade é definitiva nas manifestações de suas personalidades e realidades no meio social.

Ao final vemos com as incongruências das regulações da plataforma que suas diretrizes e métodos são arbitrários quando não enviesados, obedecendo ideologias conservadoras, que consideram a expressão das sexualidades algo a ser reprimido. E cabe então aos artistas que adotam a poética homoerótica se posicionar frente a essa visão retrógrada. Já que os gays são a parte da comunidade mais relacionadas ao sexo, mesmo que seja por estigmas, são também estes que estão na linha de frente para uma assimilação social de práticas sexuais dissidentes como formas naturais de se relacionar, e legítimas mesmo quando não estão relacionadas ao amor romântico.

---

## Bibliografia

- GARCIA, Wilton. Arte homoerótica no Brasil: estudos contemporâneos. **Revista Gênero**. Niterói, v.12, n.2, p. 131-163, 1. sem. 2012.
- GERBASE, Carlos. **Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico com o pornográfico**. Revista FAMECOS n. 31. Porto Alegre, dezembro de 2006.
- HUBBARD, Thomas K. **Homosexuality in Greece and Rome: A sourcebook of basic documents**. p. 21-54. 2003.
- MARQUES FILHO, Adair. Arte e cotidiano: **experiência homossexual, teoria queer e educação**. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Goiânia/GO, 2007.
- META Transparency Center. **Nudez adulta e atividades sexuais**. Disponível em: <https://transparency.meta.com/pt-br/policies/community-standards/adult-nudity-sexual-activity/> Último acesso em 25/02/2025.
- META Central de Ajuda para Empresas. **Nudez e atividade sexual: diretrizes para publishers e criadores de conteúdo**. Disponível em: <https://www.facebook.com/business/help/725672454452774?id=208060977200861>. Último acesso em: 25/02/2025.
- PINOTTI, Fernanda. Meta atualiza políticas de utilização para usuários no Brasil. **CNN Brasil**. São Paulo, 09 jan. 2025. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/meta-atualiza-politicas-de-uso-para-usuarios-no-brasil/#goog\\_rewarded](https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/meta-atualiza-politicas-de-uso-para-usuarios-no-brasil/#goog_rewarded). Último acesso em 25/02/2025.
- PRECIADO, Paul B.. **Manifesto Contrassexual: Práticas Subversivas de identidade sexual**; trad.: Maria Paula Gurgel Ribeiro. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2022.